



Director literario:

António de Oliveira
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduarte Collares
 PAPUSSE

PRIMOS AFASTADOS



O Nequinho, ao que dissera
o tio-avô Nicolau,
da qu'rida Miquinhas era
priminho em terceiro gráu.



Mas a Micas que não dava
muita confiança ao Neca,
manda-o, às vezes, à fava,
pois é levada da breca.



Um dia recebe a Micas
dois bons peros de presente;
e logo o Neca, maricas,
se chega e diz meigamente:

— «Quem te deu peros tão belos,
tão rosados, coradinhos?!
Vai prová-los, vais comê-los?!
Sabes quq, somos priminhos?! —



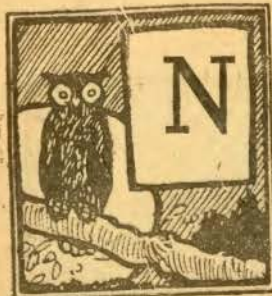
— «Sei!» volve, comendo os pômos,
Miquinhas com mil enfados;
— «mas não te chegues, que somos
primos bastante afastados!»



Sua Magestade D. Coelho

Por GAROTA ENDIABRADA

Desenhos de EDUARDO MALTA



O reino da fantasia, que, como podem calcular, é extraordinariamente lindo, habitava Sua Magestade El-rei D. Coelho e sua Ex.^{ma} Esposa a Senhora D. Coelho, digníssima Rainha daquelas paragens.

Algumas pessoas tinham a estúpida mania, — calculem lá?!... — de chamar a este lindo reino, uma «casinhota»!...

Disparate, não acham?

Mas, vamos à história.

Suas Magestades viviam alegremente, rodeados da sua numerosa corte, que em tudo lhes obedecia, respeitosa...

Ora, os coelhinhos têm, como as pessoas, as suas crenças e superstições!

Por exemplo, nós temos um Deus que adoramos e um ente que nos causa repulsa, que é o Diabo. Eles, também, têm um Deus e um Demónio (que alguns povos antigos chamavam o princípio do Bem e o princípio do Mal) a que dão o esquisito nome de «cozinheira»...

Já vamos ver a grande influência que esta personagem exerce na nossa história.

Sua Magestade D. Coelho tinha um irmão, um coelhinho engraçado, bonito e muito branco.

Era pena que o seu coração fôsse tão negro, pois fazia mesmo um singular contraste com a brancura da sua pele! Pois é verdade, este coelho era muito mau e invejoso.

Credo! Que feio!

Assim como há pessoas más e outras boas, assim, também, há coelhinhos bons e maus! E o nosso coelho branco, o seu maior desejo era a morte do Rei, para ele, finalmente, poder ocupar o trôno. Apresentava-se, todavia, um enorme obstáculo. Os Infantes!

Mesmo que o Rei morresse, estes sucediam-lhe, e o nosso coelho mau, ficava a ver navios; em sentido figurado, é claro!...

Pensou, pensou muito, ruminando o seu projecto infernal, até que um belo dia parece que achou a chave do problema! Lavou-se, vestiu-se, perfumou-se (sim, admiram-se? — os coelhos também se perfumam...) e apresentou-se a sua Altêsa e queridíssimo mano.

Em voz melíflua e olhadelas ternas, principiou:

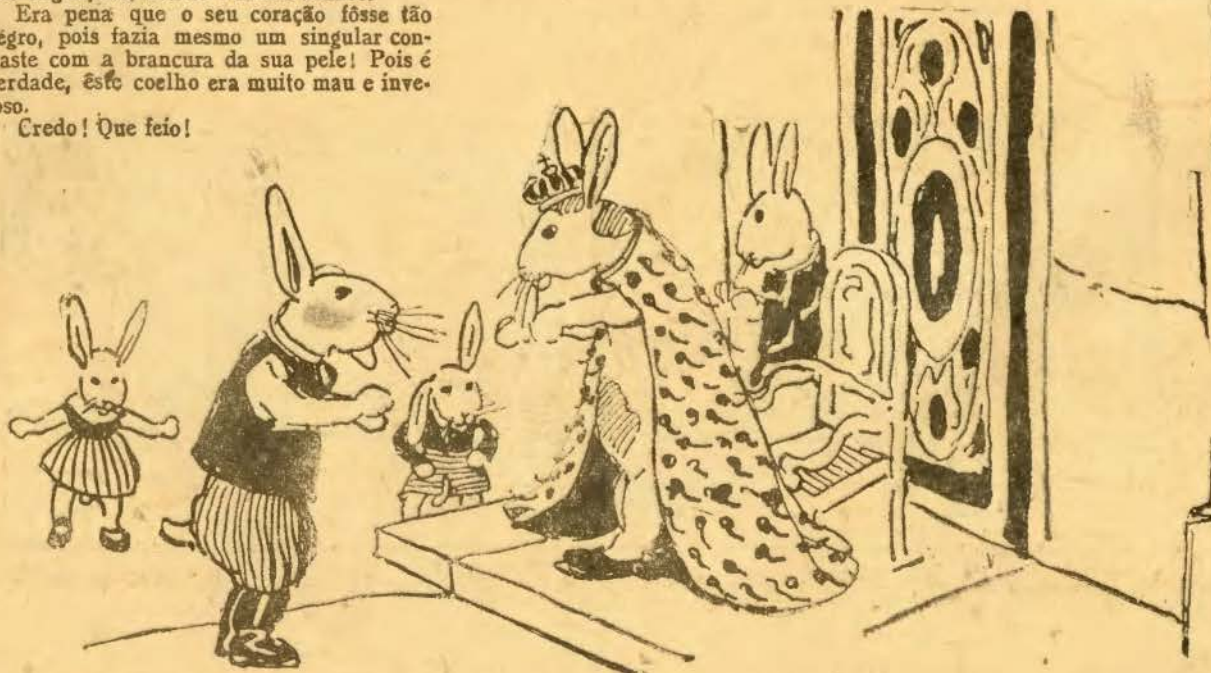
Saiba V. Altêsa que vim aqui, a fim de lhe rogar a mercê de deixar ir os príncipes a minha casa, pois desejava oferecer-lhes um jantar. Teria muito gosto que V. Magestade me deferisse o pedido.

O Rei, que nem por sombras desconfiou do irmão, respondeu:

Pois sim, podes levá-los.

Sorrindo, satisfeitíssimo, o Coelho branco curvou-se numa reverência e saiu, acompanhado dos coelhinhos, não sem um olhar de tristeza da mamã Coelho que tinha como que um pressentimento de desgraça.

Pouco depois, voltou o Coelho, fingindo-se muito cons-



ternado e dizendo que os «meninos» (sem ofensa) tinham caído ao rio, morrendo afogados.

Afinal o que ele fez foi escondê-los num subterrâneo de sua casa onde os deixou até que lá morressem de fome.

Que mau!

O pânico foi enorme quando se soube da morte dos infantes. Os reis choravam perdidamente, a corte toda vestiu crêpes e até o próprio palácio foi forrado de panos pretos.

Uma tristeza infinita!

Estava vencido o primeiro obstáculo! O pior era o resto!

Agora o Coelho branco pensava apenas em assassinar o Rei, sem que ao seu terrível coração assomasse um vislumbre de piedade, um remorso pelo crime estúpido que queria praticar, uma ideia, enfim que lhe mostrasse o seu dever fraternal. Nada!

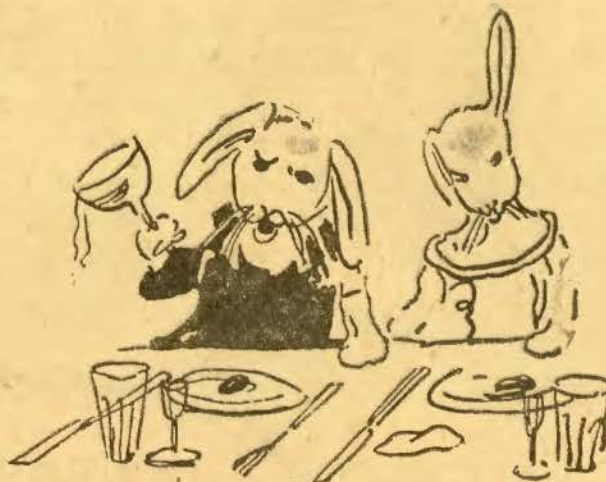
Um dia, conversando com sua Altêsa, propôs:

Meu ilustre Mano, vejo, com pesar que estais ainda muito triste, e gostaria de vos distrair um pouco. Se quiserdes, organizamos uma caçada e, seguidamente, dar-me-hão tôdos a honra de almoçar em minha casa!...

Pois seja — aquiesceu o bondoso monarca. Fez-se a caçada e, no regresso, foram almoçar.

A sobremesa, o Coelho tinha mandado fazer um doce com veneno para o Rei e foi ele próprio quem o serviu. Porém, na atrapalhão, trocou os pratos, ou por outra, pôs no seu a comida envenenada. Mal principou a comer, senti-

tiu umas grandes aflições e, ante o espanto de tôdos, morreu, contorcendo-se, desesperado, por não poder alcançar o seu fim. Pela «cozinheira» souberam então toda a verdade e tão contentes ficaram que até o Rei e a Rainha pulavam de alegria!



Foram tirar os príncipes do subterrâneo e fizeram tão grandes festejos que ficaram para sempre em memória de tôdos pelo seu esplendor.

Suas Magestades viveram ainda muitos anos e, quando faleceram, sucedeu-lhes o mais simpático dos coelhinhos que continuou governando com muito acerto e sabedoria.

F

I

M



BONECO PARA TRACEJAR E COLORIR



POR AUGUSTO de SANTA-RITA
BONECOS de E.M.

PROLOGO

MEUS meninos:

A história que lhes vou contar, decorre no ano de 1960 e estende-se, possivelmente, ao ano de 2.000. É pois a previsão dum próximo futuro.

Está, talvez, ainda, por nascer, o protagonista desta novela, — (o homem privilegiado que eu quizeria ter sido, que não sou por falta de mérito e do qual serei apenas humilde precursor, quando muito), — o grande educador, o feliz autor duma admirável obra nacional.

Lêde-a como se fosse contada aos vossos netos, aos netinhos que haveis de ter um dia... se Deus quiser! Tornarei pretérito o Futuro; falar vos-hei como se há muito tempo tivesse decorrido o ano de 1960. Não vos admireis, pois, de não achardes, ainda, em Portugal, os melhoramentos morais e materiais que a história reza

Biografia do Mestre Hilário



HILÁRIO de Santa Rosa, Mestre Hilário — como vulgarmente o tratavam — era um lindo velhinho, de setenta e tal anos, que consagrara toda a sua vida ao culto das criancinhas, a uma grande obra de assistência moral e educação infantil.

Desde o raio da sua juventude que, quasi exclusivamente, se dedicara aos pequeninos, dirigindo periódicos e obras literárias e, principalmente, poéticas, pois Mestre Hilário fôra sempre e era, em teoria e na prática, na obra e na vida, acima de tudo um extraordinário poeta de intuição genial. Natureza profundamente emotiva, privilegiada complexão, dotada de uma imaginação prodigiosa, sensibilidade antena, receptadora de todas as vibrações psíquicas — (al que os meninos não percebem isto mas... passem adiante!) — Mestre Hilário era, na verdade, um Espírito raro, um Ente superior, um Ser virtuoso, que o génio da Meninice bafejara, osculando-o na fronte, emoldurada por lindos caracóis de neve e alvas barbas longas, austeras, patriarcais.

Irradiando ternura e simpatia, era uma criatura deveras curiosa, tipo atraente, extremamente insinuante,

Detentor ou antes administrador autónomo duma enorme fortuna, representada em obras de beneficência pública, de que iremos fazendo descrição, constituída por numerosa série de legados de beneméritos capitalistas a quem a sua notável Obra se impuzera, Mestre Hilário era o prototipo da bondade cristã, ingénuo como uma pomba, humilde como as ervinhas, simples como o perfume das florinhas campestres.

A espiritual inocência de S. Francisco de Assis, aliava Mestre Hilário o talento do poeta indú, nosso contemporâneo, Rabindrahna Tagore. — (É bom que os meninos vão fixando estes nomes.)

Casado com uma adorável velhinha, sua colaboradora, de viva imaginação, viviam alegremente na poética séde do seu grande Internato infantil, e na santa graça de Deus. Tinham cinco filhos que eram nas principais províncias de Portugal — (Minho, Douro, Beira Baixa, Alentejo e Algarve) — os representantes da grande Federação Infantil que Mestre Hilário fundara e que tinha por séde a Estremadura: — Lisboa.

Três filhos e duas filhas, todas igualmente casadas e com filhos também, os quais, uma vez cada ano, apenas, se reuniam, pelo Natal, num grande jantar comemorativo.

Era enorme a popularidade de Mestre Hilário. Quando seguia, caminho dos hospitais infantis, Tutorias e Creches, portador de brinquedos e ritmos — (chama-se ritmo à toada dos versos) — todas as criancinhas que

passavam, quer humildes quer ricos, logo o apontavam, exclamando: — «Mestre Hilário. o Mestre Hilário!...» e, chilreando como os passarinhos, alvoroçadamente, o rodeavam, sedentas dos seus afagos e dos versos lindos que, num súbito silêncio, apenas entrecortado por francas gargalhadas, extasiadas, ouviam:

O general Catapumba,
que não era nada tumba,
foi à guerra e... pumba, pumba,
pumba, pumba, pumba, pumba...
mostrou que era valentão!

Deu tiros de meia noite
e ao vêr surgir o Papão,
pregou-lhe tamanho acoite
que o atirou de escantilhão.

Eu gosto de quem se afoite;
detesto tôdo o poltrão
que por tudo e nada berra,
prêso às saínhas da mãe!

Se um dia forem à guerra,
meninos, façam também
como êsse tal
general,
o general Catapumba,
que não era nada tumba,
foi à guerra e... pumba, pumba,
pumba, pumba, pumba, pumba...
mostrou que era valentão!

Assim que Mestre Hilário terminou a alegre lenga-lenga, tirou da algibeira uma mão cheia de rebuçados e distribuiu-os pela pequenada que, em ruidosa alegria, deixou partir, entre palmas e vivas, o simpático apóstolo, o venerando poeta, sob o acolhedor sorriso da gente adulta que parara a escutá-lo e, igualmente enlevada, o saudava também.

Mestre Hilário transpunha, agora, o limiar dum amplo portão de ferro, dando acesso a um vasto edifício, em cuja fachada se ostentava um letreiro com a seguinte inscrição: — **Hospício de Santa Marta para crianças pobres.**

Entrou. Seguido por duas Irmãs de Caridade, atravessou Mestre Hilário um longo corredor, ao fundo do qual se encontrava uma porta, tendo ao alto a inscrição: — **Dormitório e Enfermaria.**

Transposto o seu limiar, deparou-se aos olhos de Mestre Hilário, uma vez mais, o sobrio cenário já tão seu conhecido por inúmeras visitas anteriores: — um amplo aposento de brancas paredes, rodeado de camas, pequenos lei-

tos de ferro, de cujos alvos lençóis emergiam pequeninas cabeças, pálidos rostos infantis que uns olhinhos vivazes animavam, por vezes, como scintilações duma chama interior.

A sua entrada, uma uníssona exclamação partiu das bocas inocentes: — «Mestre Hilário!... O Mestre Hilário!...» — ao mesmo tempo que um remanchar de roupas e um soerguer de corpos bem exprimiam o alvoroço contentes dos pequeninos enfermos.

— «Salvé, meus amiguinhos!» — bradou então, o insinuante velhinho, na sua voz de eleito, carinhosa e doce.

Procurando incutir a Fé no ânimo das crianças — (a Fé que remove montanhas, como, quando em quando, diz, repetindo, a bíblica parábola) — convencido de que o Milagre é um fenómeno do sub-consciente, eclosão da Vontade, bradava agora, sorridente e amigo, num tom hipnótico de sugestão directa: — «Quero tôdos curados dentro de três dias! Intimo-os a que se curem neste praso de tempo! Quero...» (e ao dizer quero, Mestre Hilário, elevando-a, punha na voz uma especial inflexão) quero que quando aqui voltar, os encontre já bons! Entretanto escutai uma história; a história dum menino que se curou, subitamente, duma grave doença, apenas... porque a Mãe quiz!

Já sentadinhos na cama, aconchegando a roupa, debruçaram-se mais os pequeninos enfermos, em expectativa ansiosa, ávidos de emoção. E, em voz altissonante, principou Mestre Hilário:

— «Era uma vez um menino que estava muito doente. Passava a noite a gemer, com febre a quarenta graus. Ao décimo dia da sua doença, veio um médico e disse que o menino morria, que coisa alguma ao menino ha-

(Continua na página 8)



PARA OS MENINOS E MENINAS RECITAR



O "Zé," da Graça

Por CARFLÓFER

O velhote Zé da Graça,
Quando passa,
Na faina do chafariz,
Tudo esquadrinha, abelhudo,
Porque em tudo
Ha-de meter o nariz.

O Zé, que se transformara,
— Pois tomara
Do amo samarra e chapéu—,
Agora, livre de peia,
Chocarreira,
Puro havano em fogaréu:

A brasonada vivenda
leva a prenda;
Entrando pelo jardim,
Topa aberta uma janela,
E, por ela,
Vê-se um pomposo festim.

Tem a bossa da pilhéria...
Cousa séria
Logo o põe à bocejar;
Como guarda as conveniências
Vocelências
Já bem podem calcular...

«—Muito bem, seu Zé da Graça:
Boa massa
Desde hoje vais receber...
Assim, na ponta da unha,
Caramunha,
E' que eu gosto de te ver!»

Damas gentis e senhores,
Luzes, flôres,
Limoges e bacarás;
Doces e vinhos sem conto...
Tudo, ao tonto,
Mais tontinho ainda faz.

Um dia rachava lenha
Com tamanha
Ralacice e frouxidão,
Que seu senhor, enervado,
De machado,
Lhe quiz dar uma lição.

Uma das suas partidas,
...Atrevidas,
Que os da terra citam mais,
Produziu grave destrôço
E alborôço
Num banquete e comensais.

Veem-no, então, com a arma,
Dando o alarma
De «salve-se quem puder!»...
— «Se não se põem na «alhet»,
P'ró «maneta»
Vai já homem ou mulher!»

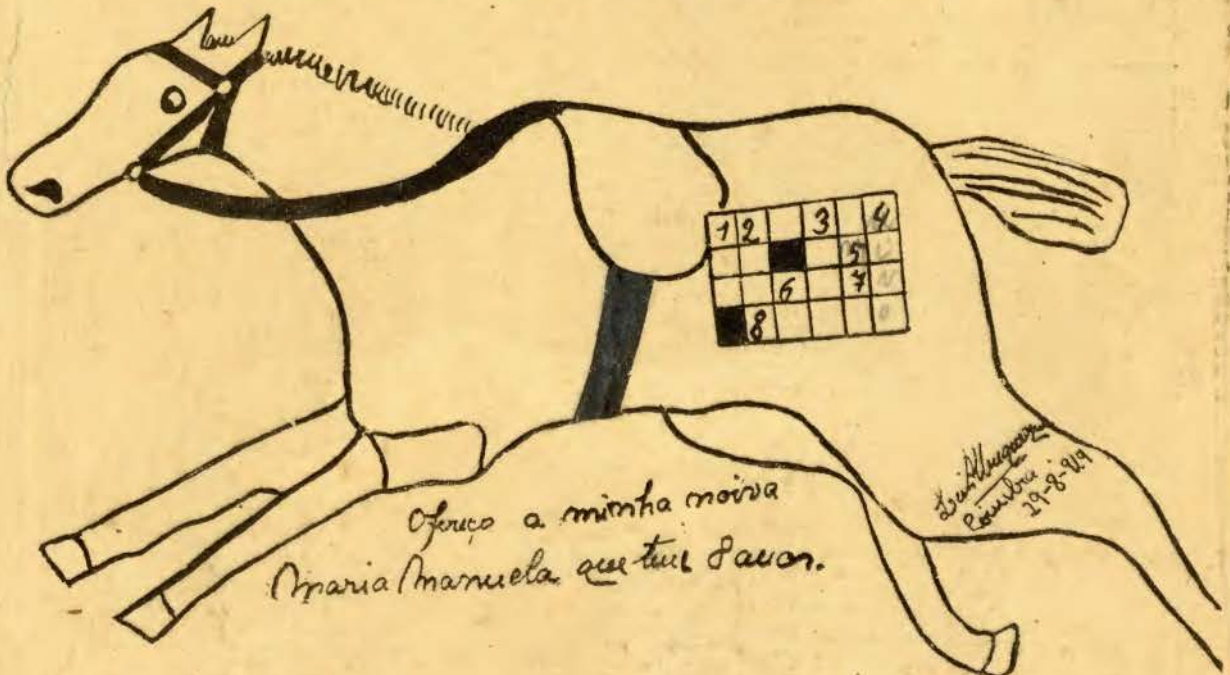
Chap éu, samarra e charuto,
Resoluto,
Numa carreta largou;
E, manejando o instrumento,
Num momento,
Rijo sóbro escavacou.

Tinha seu patrão à guarda
Espingarda
Que nem já fazia «pum!».
Como ao dono a devolvesse,
Motivo êsse,
Para o Zé, dum trinta e um.

Um bispo e uma baronesa
Sob a mesa,
Entre cacos vão cair;
Ha' gritos, fugas, desmaios...
E o Zé: «— Raios!
Nem se sabem divertir!...»

HORA DE RECREIO

PALAVRAS CRUZADAS



VERTICALMENTE

HORIZOTALMENTE

1, Nome de mulher — 2, Parente — 3, Caminho — 4, Grito de animal.

1, Vogal — 2, Consoante e vogal — 3, Satisfação — 4, Vogal — 5, Nota de música — 6, Traquina — 7, Vogal e consoante — 8, Pseudónimo muito conhecido dos leitores do «Pim-Pam-Pum».



A DIVINHA

A
MI
NHA
BO
NE
CA

SENTADA na cadeirinha,
Como é linda esta Mimosa
Minha querida bonequinha
Com os lábios côr de rosa,

Ao ver um quadro, tão belo,
A pensar me ponho então,
Como, apesar de singelo,
Me dá tanta comoção!...

E em volta do quadro lindo
Respirando amor, pureza,
Andam as crianças rindo...

E a tão linda bonequinha
No seu trono de princeza,
Sorrindo, abre a boquinha...

POR
LELITA

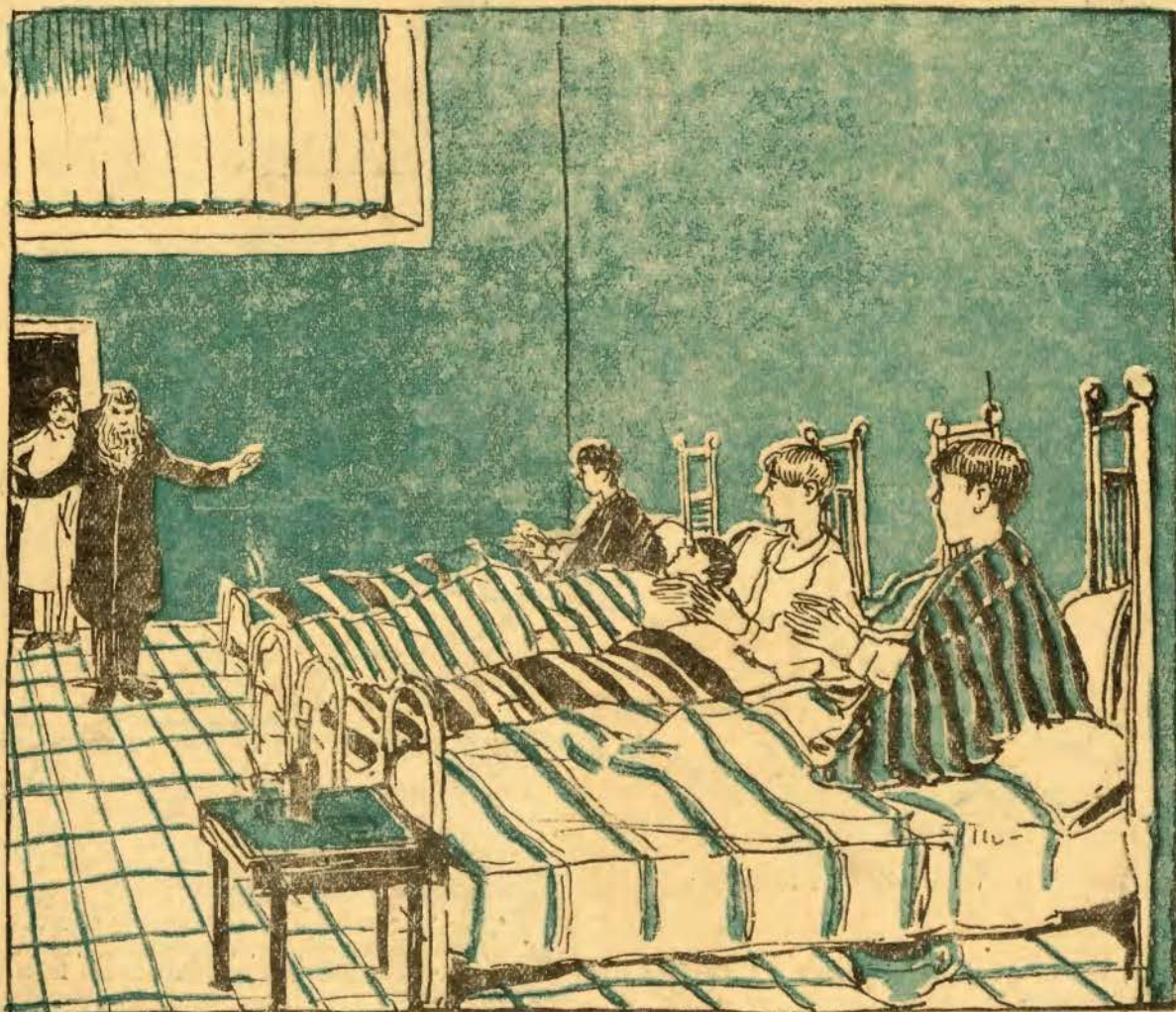
DA
EN
CARNA
ÇÃO

SAR
MEN
TO

de idade
13 anos



ONDE ESTA O PAI DESTA MENINA?



(Continuação da página 5)

via a fazer! Mas, nisto, a mãe do menino pegou no menino ao colo, levou o menino à casa das brincadeiras; mostrou ao menino o seu cavalo de pau, de pau mas que parecia mais vivo, ainda, que os cavalos a sério; mostrou-lhe a sua corneta, uma corneta linda, cor de prata e marfim e na corneta soprou com toda a força que tinha; pegou depois num palhaço, o qual, apertando-o no peito, batia seus pratos de ouro! Tchim, tchim, tchim!... Depois, largando o menino, que antes mal se tinha nas pernas, gritou, gritou assim ao menino: — põe-te bom, meu menino! Anda, corre... Vai brincar, meu menino! E, logo, o menino dela, sorrindo, pôs-se a brincar e... curou-se; curou-se no mesmo instante!

— «Meninos, toca a fazer como este menino! Quero-os bons em três dias!»

E, erguendo-se da cadeirinha em que se sentara ao centro da sala, Mestre Hilário acrescentou, tirando dum grande saco que trouxera consigo um montão de brinquedos, «bonitos» muito bonitos: — «Aqui tendes o melhor remédio, o belo remédio que, com certeza, vos cura!» Então, distribuindo-os pelas criancinhas, Mestre Hilário safu, seguido pelas Irmãs que, de engomadas toucas, com grandes abas de linho branco, pareciam dois Anjos, dois Anjos de asas abertas.

(Continua no próximo número)

A GRANDE CONFEDERAÇÃO INFANTIL DE MESTRE HILÁRIO

Desde 1955, há cinco anos, portanto, visto estarmos no decurso de 1960, que no antigo Jardim das Laranjeiras se encontrava instalada a "Grande Confederação Infantil" fundada por Mestre Hilário — Hilário de Santa-Rosa.

O antigo palácio do Jardim, completamente remodelado, estava agora transformado em Sede da Grande Instituição, após ampliado com numerosos anexos e convenientemente adaptado ao fim pedagógico a que se destinara.

Ficavam no corpo principal do palácio o grande liceu e as três grandes salas: — *Auditorium*, *Prefectorium* e *Laboratorium*, respectivamente de música, de preleções e labores diversos.

Era no *Prefectorium* que Mestre Hilário regia a sua grande inovação pedagógica, intitulada "*Perlanga da Fé*" e que consistia em insuflar no ânimo infantil a confiança individual, a certeza antecipada do êxito, a força da Vontade pelo simples dom da sugestão verbal.

O exercício da "*Ritmica*" constituído por música, dança e recitação, quando não na cerca, ao ar livre, era praticado no adequado "*Auditorium*".

Rectificação: — O conto: — *A Felicidade de Alfredo* publicado no nosso número anterior, por lapso da tipografia, saiu como sendo da autoria de Ermelinda Martins Pereira quando é de Luiz M. Raposo Esteves, distintíssimo aluno da Casa Pia de Lisboa.

Que o seu autor nos releve o lapso involuntário.